

UMA CARTA

Do sr. dr. Rogério dos Reis Alvo, presidente da Câmara Municipal de Portimão, recebemos a seguinte carta, só agora dada à estampa pelo motivo da interrupção sofrida na saída do nosso jornal:

Sr. Director do Jornal «Notícias do Algarve»
Vila Real de Santo António

Foi com a mais viva sa-
(Conclui na 2.ª página)

CENTRO SOCIAL POLIVALENTE de Vila Real de Sto. António

A DIRECÇÃO do Centro de Assistência Social de «N. S. da Encarnação», dá-nos o grato prazer de informar todos os nossos prezados leitores, especialmente os de Vila Real de Santo António, de que foi superiormente autorizado o projecto definitivo para a construção do Centro de Assistência Social Polivalente de «N. S. da Encarnação», obra de elevado interesse social num centro tão laborioso como o desta Vila, tendo o mesmo sido entregue na Repartição competente para efeitos de comparticipação, a fim de se dar imediato início às respectivas obras.



E o trânsito parou... Desconfiados, os londrinos olharam de soslaio para aquela perturbação à quietude e decoro da cidade. O condutor do autocarro que devia estacionar naquela paragem pensou numa exibição de «strip-tese» e arripiou-se.
Na tarde, calma e fria, os jornais noticiaram a apresentação por Kim Cordet e Elaine Himat dos novos modelos de pijamas curtos em «nylon», fibra sintética de que a Grã-Bretanha é a maior produtora da Europa.

Notícias do Algarve

SEMÁNARIO REGIONALISTA

EDITOR, PROPRIETÁRIO E DIRECTOR (INT.º)
ARMANDO ROCHA CRUZ

DIRECTOR ADJUNTO
ARMANDO DE MENDONÇA

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO — RUA MINISTRO DUARTE PACHECO, 11 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

COMPOSIÇÃO e IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
TEL. 59 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EDIFÍCIOS ESCOLARES

VIMOS há tempo uma notícia, vinha ela de Luanda de que uma criança para frequentar a escola primária, fazia o percurso diário de 50 quilómetros, é certo que muitas vezes utilizando o transporte gratuito e generoso de carros que passavam.

Sem irmos tão longe conhecemos num concelho vizinho crianças que calcorreavam diariamente para seguir o seu curso escolar primário 12 e 18 quilómetros! E até conhecemos uma, o Martinho da Boa-Paragem, que, com 8

anos, fazia os seus 24 quilómetros. Por sinal que está hoje no Colono de Cela, em Angola, para onde o pai levantou com toda a família.

E eram estes os que mais raramente faltavam e os mais pontuais na hora da entrada.

Quere o vento soprasse gélido, quere a chuva caísse com abundância ou o Sol calcinasse, eles lá estavam, impertérritos, com a sacola ao ombro, onde, ao lado dos livros e cadernos, chocalhava uma côdea de pão duro e uma lata com um bocadinho de toucinho a servir de conduto para todo um longo dia.

Quando nos centros urbanos mais populosos, morando a cem metros da escola, caem umas bátegas de chuva, já faltam os meninos cujos papás receiam que eles se constipem.

Mas não receiam pela sua saúde física e moral quando se deitam tarde a ver espectáculos impróprios da sua idade e da sua formação ou assistem sob sol ou chuva a edificantes desafios de futebol...

Já não é necessário aos meninos de agora, que na cadeia do tempo substituíram aqueles ou

tros meninos, fazer tão grandes caminhadas. Novas escolas foram abertas naqueles lugares onde residiam; mas nem todas em edifícios novos ou apropriados. O nosso jornal, que quer estar sempre atento às necessidades das populações, já aqui assinalou escolas exercendo a sua alta e imprescindível missão: uma, em casa — a mais abandonada da aldeia; outra, em um cubículo onde só cabem seis carteiras ficando uma debaixo da chaminé e ainda outra onde, para entrar a luz, quando a porta se fecha, se abriu uma fres-

(Conclui na 6.ª página)

ATINGIRAM 230 CONTOS

AS RECEITAS DO CARNAVAL DE LOULÉ

Novamente Loulé foi visitada por inúmeros forasteiros que procuraram no espectacular Carnaval daquela vila algumas horas de verdadeira alegria. Dado o fim humanitário a que se destinam o proventos do Carnaval de Loulé, é de inteira justiça que todos nós acarinemos estes já tão populares festejos.

Este ano o Carnaval de Loulé rendeu, juntamente com valiosas dádivas e ainda com a receita de três balés organizados pela Comissão de Festas, a quantia de 230.000\$00.

Prosseguindo

Leitor amigo: aqui estamos. Já estamos, novamente, prosseguindo na caminhada. A interrupção não foi tão breve quanto desejávamos. Também não foi tão longa como outros pudessem desejar.

Como explicámos no nosso último número, aparecido pelo Natal passado, foi necessária uma paragem. Uma paragem na já larga caminhada do Notícias do Algarve.

Havia que rever problemas de vária ordem — sobretudo de ordem administrativa. E, não obstante toda a nossa boa vontade, houve necessidade de prolongar por mais tempo de que aquele que inicialmente supúnhamos necessário, o não aparecimento do nosso jornal.

Aqui estamos, pois, reiniciando a marcha interrompida.

Em muitos aspectos da nossa vida, como na vida de um jornal como o Notícias do Algarve, às vezes um breve repouso faz bem. E, podemos dizê-lo, necessário. Todos os motores, depois de longo tempo de trabalho, carecem de revisão ou afinação. Naturalmente que não foi este, precisamente, o nosso caso.

Havia tudo para que a interrupção não se desse: leitores, colaboração, publicidade, elementos técnicos, etc. Mas, a par de todos esses elementos indispensáveis, surgiu um outro fortemente negativo: — a desorganização administrativa! E esse era mais poderoso que toda a nossa boa vontade de evitar a interrupção da saída do jornal.

Agora, felizmente, debelada a

(Conclui na 6.ª página)



Elizabeth Taylor, a bela e, sobretudo, talentosa artista do cinema americano, que o público algarvio tanta vez tem apreciado em filmes inesquecíveis

O Custo de Produção DA ALFARROBA

Pelo DR. A. DE SOUSA PONTES

NÃO pertence este jornal a um concelho de grande produção de alfarrobas, porque ela não chega a ser de 1% da produção total algarvia, como se verifica pelo quadro abaixo, que foi em parte extraído do Boletim da Junta Nacional de Frutas, de 1956, de um desenvolvido estudo intitulado «Estimativa da existência de árvores de fruto no Algarve», dos eng.ºs agrónomos srs. prof. Henrique de Barros e Vital Rodrigues:

Concelhos	N.º de alfarrobeiras	Produção média anual em Tons.	Capitação das contribuições de rendimento
Albufeira	120.000	2.640	105\$70
Alcoutim	5.000	110	46\$00
Aljezur			67\$90
Alportel	115.000	2.530	94\$20
Castro Marim	42.000	924	61\$80
Faro	150.000	3.500	216\$70
Lagoa	36.000	792	115\$10
Lagos	5.000	110	255\$90
Loulé	686.000	15.092	85\$60
Monchique	4.000	88	63\$50
Olhão	90.000	1.980	228\$70
Portimão	19.000	418	538\$10
Silves	170.000	3.740	82\$60
Tavira	160.000	3.520	120\$60
Vila do Bispo	2.000	44	98\$90
Vila Real St.º António	12.000	264	500\$00
TOTAIS:	1.616.000	35.552	159\$05

Mas este jornal pertence ao concelho mais rico do Algarve, onde a capitação dos impostos de rendimento de 500\$00, é muito superior à média geral de 159\$05, referida aos anos de 1955 a 1958 e à totalidade das contribuições predial e industrial e respectivos adicionais para a Junta Provincial, Câmaras Municipais, Órgãos locais de Turismo, Fundo de Desemprego e Impostos de sisa e de pescado.

E esta riqueza, como factor económico, determina maior dinamismo, de que a imprensa local é bem o seu reflexo.

Por outro lado, o deputado algarvio que mais se tem batido pela florestação dos 2.500 Km² actualmente incultos da nossa Província (metade da sua área total) é natural de Vila Real de Santo António.

O problema que vamos tratar, está na ordem do dia das preocupações governamentais. Uma exposição da Corporação da Lavoura foi estudada em profundidade

(Conclui na 2.ª página)

«CORREIO DO SUL»

Passou mais um aniversário o nosso colega farense «Correio do Sul», que é dirigido e entusiasticamente mantido pelo advogado sr. dr. Mário Lyster Franco.

Daqui lhe endereçamos as nossas felicitações, com votos de longa vida.

FOI DADO O NOME de «Notícias do Algarve»

a um Prémio Literário sobre a Vida e Obra do Infante D. Henrique, na cidade de Ubá, no Brasil

EMBORA tardiamente, só agora nos foi possível noticiar quanto nos encheu de satisfação e alegria a notícia de que a cidade de Ubá, no país irmão, tinha dado o nome do nosso jornal ao prémio que classificou a primeira produção literária

sobre a vida e obra do Infante D. Henrique.

Por iniciativa da prestimosa Associação Comercial de Ubá, Minas Gerais, foi prestada significativa homenagem à vida e esplendorosa obra do Infante D. Henrique, tendo aproveitado esta

oportunidade para, num gesto digno dos maiores encômios, prestar expressivo preito de gratidão à colónia lusa daquela cidade do estado de Minas Gerais, pelo seu esforço e abnegação em prol da progressiva cidade brasileira.

Na nossa redacção recebemos todas as semanas, embora com certo atraso, o jornal «Folha do Povo» editado na cidade de Ubá, que nos põe ao corrente da vida movimentada e laboriosa daquela cidade brasileira; por ele, nós conhecemos todos os artigos de magnífica polémica e rara correcção do grande jornalista que é Campomizzi Filho, admiramos os ideais católicos de toda a laboriosa população e pela «Folha do Povo» nós sorrimos e lemos com bom gosto as crónicas de Kaniff de Kaniff, que já conhecíamos anteriormente de o «Kanivette», com toda a sua crítica social, com todos os seus relatos das mais fasci-

(Conclui na 2.ª página)

Exuberância de Literatura E POBREZA DE IDEIAS

DECIDIDAMENTE em matéria de literatura, vivemos uma hora alta de euforia. Escrevem-se muitas coisas, publicam-se muitos livros e livrecos e, possivelmente, como é lógico, o gosto pela leitura aumenta nas camadas da nossa população.

Apraz-nos registar o facto; mas sejamos cautos: a experiência ensina-nos a não nos iludirmos com as aparências. Tratemos, portanto, de avaliar o valor dessa literatura, procuremos prudentemente penetrar nessa abundância de papel impresso.

Certamente, nem tudo o que se publica é de inferior qualidade, nem tudo o que se escreve mere-

ce esse desprezo olímpico que geralmente patenteiam os nossos grandes órgãos da imprensa em relação à nossa produção literária. Mas, também é um facto, e esse não menos relevante, que se publica muita coisa má, muita patocoada, muitas coisas ingénuas e ridículas, muita vaidadezinha que seria preferível deixar no fundo das gavetas. Porque, para se escrever, desiludam-se todos os empresários do êxito ou os louvaminheiros das ocasiões, requere-se mais alguma coisa do que as regras da gramática e da facilidade de alindar frases.

POBREZA DE IDEIAS

Ora, se analisarmos a literatura actual, verificamos sem esforço a confrangedora ausência de ideias. A superficialidade é a característica dominante, dessa literatura. As produções limitam-se a exercícios literários, alguns, di-

ga-se de passagem, dum virtuosismo impecável, orquestrados magistralmente, mas falhos de autêntico e real interesse. Basta determo-nos na abundância de «clichés», na aparente riqueza das

(Conclui na 6.ª página)

MARCIAL

Pelo DR. FRANCISCO FERNANDES LOPES

HÁ anos já, viera a Faro, pela Aliança Francesa, o fino literato e académico Emile Henriot, com sua esposa; e, na recepção em Faro, convenceram-o a vir até Olhão, que, de resto, ele já trazia apontado no seu carnet... Recordo-me bem do seu êxtase de artista, ali em cima do meu mirante, naquela tarde de maravilha, dizendo-me: — «Ah! Ça, c'est à s'arracher la peau, comme devant Venise». Sua esposa protestava-me que um dia viria aqui para pintar isto. — Pintora ela? Sim! Neta de músico, acrescentou ele, de quem você, amador de Debussy, talvez não goste... — Quem? — Elle est la petite - fille de Gounod.

E a conversa continuou sobre o seu avô e as parecências físicas com ele, sobretudo a testa... Graças a Deus, poderia ela até, sugerir eu, pelo carnaval, com um mascarim, tornar-se Monsieur Gounod...

Estes momentos de deliciosa familiaridade, prosseguidos num convívio mais íntimo, com um simples chá em família e doces regio-

nais, após uma digressão pela vila mourisca, parece que não ficaram esquecidos para o ilustre artista, porque, em 1 de Março de 1950 precisamente, tenho a agradabilíssima surpresa de receber pelo correio, enviado de Lisboa, o último livro seu, de que me falara, *Les fils de la Louve*, com esta fina dedicatória pela sua delicada letra: *au Docteur Francisco Fernandes Lopes amical souvenir — en témoignage de gratitude par son accueil inoubliable à Olhão. Emile Henriot — fev, 1950.*

Os filhos da Loba — recomendo o livro a quantos se interessarem por aquela série de escritores latinos em geral desconhecidos, de alguns dos quais só ficámos com o ranço dos últimos anos do Liceu: César, o *De Bello Gallico*, o Vergílio da estopante *Enéida*, o Horácio das fastidiosas *Odes* e o Ovídio das grotescas *Metamorfoses*...

Precisamente, o fino literato cultíssimo se propusera durante o tempo em que a guerra destruiu todas as tradições de cultura no seu

(Continua na 2.ª página)

MARCIAL

(Continuação da 1.ª página)

país, procurar o que sob a poeira dos séculos, subsistia da arte e do pensamento clássicos de que eram filhos. Quem eram afinal esses *figurões* cuja recordação detestável pesava na nossa juventude escolar? Com o seu estudo atento procurava apenas interessar os outros como se interessara ele próprio.

Foi para mim um presente do céu, esse magnífico livro, que caiu como a sopa no mel, pois precisamente tocara então em certos pontos da psicologia do famoso César e na questão célebre do significado da IV escola vergiliana...

César, Salústio, Lucrécio, Vergílio, Tácito, Catulo, Horácio, Ovídio, Petrónio, Marcial, Juvenal, Apuleio — tal fora a dúzia de filhos da velha loba romana que dominara o mundo...

Lembro-me de que devorara então o César, o Horácio, o Vergílio mas deixara de momento os outros, ficando a conhecer, através da mais bela impressão literária, a Roma quotidiana daquela época tão turva. E, por sinal, a questão da IV escola até me levava a mandar vir o excelente estudo exaustivo de J. Carcopino...

Por acaso, outro dia vim a encontrar o precioso volume que, fora do seu lugar, cheguei a considerar perdido: Tácito interessava-me então de momento, e quisera ver como o lúcido Henriot encarava o extraordinário Tácito cujas *Histórias* adquirira numa tradução espanhola da colecção Austral em Santiago de Compostela num passeio ali a seguir ao congresso braçarense de S. Martinho de Dume, em Outubro de 1950. Tácito não me chamara nunca a atenção, mas foi um achado de que qualquer dia aqui falarei.

Ora, depois de informado de Tácito pelo estudo magnífico de Henriot, tendo passado a ler as admiráveis cartas de Plínio o moço ao seu querido amigo, folheando distraidamente o volume deparei com uma outra carta do mesmo

Plínio a um outro seu amigo, a propósito da morte de Marcial.

Não resisto a traduzi-la para aqui, pelas razões que em seguida se verão.

«Sei agora que Valério Marcial morreu e fico aflito com isso. Era um homem dum espírito fino, vivo e pronto, cujo estilo era cheio de sal e de mordente, e todavia cheio de candura.

Ao partir de Roma, forneceram-me eu os gastos da viagem. Não devia eu menos à sua amizade e aos versos que ele fizera para mim. Outra concediam-se honras ou recompensas pecuniárias a aqueles que tinham escrito à glória das cidades ou de alguns particulares. Hoje essa moda passou como tantas outras que não tinham menos nobreza e grandeza. Nós desprezamos o louvor desde que deixamos de praticar acções louváveis. Você tem curiosidade de saber quais eram os versos que eu julguei dignos do meu reconhecimento? Dir-lhe-ia que fosse ver ao livro, se não me recordasse de alguns. Se lhe agradarem, irá pro-

NOVO CAFÉ-BAR EM VILA REAL S. ANTÓNIO

Abriu na passada quarta-feira, dia 22 do corrente, na Rua Teófilo Braga, a mais comercial e concorrida rua de Vila Real de Santo António, um moderno Café-Bar, propriedade do nosso amigo e assinante sr. José Viegas.

De sóbria, mas elegante decoração o novo Café-Bar, cujo projecto é do apreciado arquitecto vila-realense sr. Manuel Gomes da Costa (Rebocho), bastante vem valorizar a Rua Teófilo Braga. O nosso Jornal deseja ao seu proprietário prosperidades na continuação do novo comércio.

O custo de produção da alfarroba

(Conclusão da 1.ª página)

pela Comissão de Coordenação Económica, a qual está sendo apreciada pelas Corporações do Comércio e Indústria e, novamente, pela Corporação da Lavoura e Federação dos Grémios da Lavoura do Algarve.

E como um dos problemas que mais se prende com o desenvolvimento desta cultura é a remuneração do capital nela investido, e porque nela existe um espírito tendencioso, do sector interessado na industrialização e comércio deste fruto seco, vimos dar alguns elementos acerca da determinação do preço de custo da alfarroba.

Um dos maiores produtores de alfarroba do concelho de Loulé, que, como vimos, é responsável pela produção média anual de 15.092 tons., ou seja, 42% de toda a Província, apresentou um cálculo de preço de custo, em que chega ao preço médio actualizado de 24\$40.

Para tanto, partiu de um hectare de terra pedregosa e de mato, que valorizou em \$50 o metro quadrado, pois neste estado o rendimento do hectare seria de 250\$00 por ano, em lenha para fornos de cal e para pastagens.

Foram-se juntando todas as despesas necessárias para despedregar e surribar até 40 cm., tratamento este que aquele lavrador entende que é indispensável para que 50 alfarrobeiras se desenvolvessem e possam produzir 150 arrobas de fruto ao fim de 40 anos,

depois de dispostas naquele hectare de terreno.

Tendo em conta todas as despesas feitas, a começar na já referida surriba, e a arrumação das pedras, que levam 850 horas de trabalho por hectare, a abertura das covas, a plantação, o custo das árvores, as lavouras bienais, as enxertias, os juros simples de empenho de capital de 5% ao ano; depois, a apanha dos frutos e o seu transporte e finalmente as contribuições predial e para o Grémio da Lavoura e Casa do Povo, chegou-se ao preço de custo de produção de 24\$40 por arroba.

Consideraram-se as remunerações diárias de 20\$00 ao trabalhador do campo — hoje ultrapassadas — e 16\$00 às mulheres.

Poderá objectar-se que os salários de 20\$00 ou 25\$00 de hoje eram muito menores há 40 anos, quando a propriedade foi surribada. Porém, é preciso reparar que este é um problema de desvalorização de moeda que é preciso ter em conta na valorização da propriedade rústica, valorização esta que tem como factores determinantes não só a desvalorização da moeda como a chamada lei da oferta e da procura.

E se refizéssemos o cálculo, aplicando salários de 25\$00, desde o início, o preço de custo passaria para cerca de 27\$00 por arroba de alfarroba.

E como este artigo já vai extenso, reservamos as restantes considerações para o número seguinte.

A. de Sousa Pontes

curar os outros na colecção. O poeta dirige a palavra à sua Musa. Ele recomenda-lhe que vá à minha casa das Esquilias e que me aborde com respeito:

Mas não vás lá de manhã Na louca alegria do vinho, Bater bruscamente à sua porta, porque na sua mansão estudiosa Minerva e a sua escolta severa o observem durante o dia. É ali que compõe em silêncio os belos discursos de grande renome que se julgariam de Cícero, seu único rival em eloquência. Escolhe antes a hora da tarde: Ele dignar-se-á receber-te. É essa a hora do delírio alegre, À hora dos perfumes e das flores, em que Baco nos aquece os corações e em que os Catões me poderiam ler.

Não julga você que quem me louvou nestes termos haja merecido bem provas da minha afeição à sua partida e da minha dor à sua morte? Tudo o que ele tinha de melhor, ele me dera; e mais me teria dado se tivesse podido. Todavia que dom mais raro e mais precioso, que o da glória e da imortalidade?

Mas as poesias de Marcial serão imortais? Talvez; pelo menos ele escreveu-as no pensamento de que o seriam. Adeus.

Assim ao seu amigo Prisco, antigo protector do poeta, escrevia Plínio, o moço, ao saber do fim de Marcial que aos sessenta e poucos anos se extinguiu na sua natal Bilbilis perto de Tarragona aonde desde havia meia dúzia de anos voltara, abandonando Roma onde vivera e poetara desde os 20 anos em que para ali viera da sua aldeia natal, sonhando fazer fortuna com o seu talento.

Perdidas as ilusões da juventude, enfasiado por fim da Urbs, nada esperando já da fortuna, regressara a Bilbilis esperando descansar, tornado um compócio eremita; todavia, longe de Roma, roído de saudades, entristece-se e enlanguescendo três ou quatro anos, sucumbiu.

Devo confessar, envergonhado, que é este o primeiro fragmento que leio da poesia de Marcial que no campo infinito da minha vastíssima ignorância tem jazido até hoje como se jamais houvesse existido. Assim quase abissal é o meu espanto ao deparar com o acurado estudo, da mais fina agudeza crítica que a Marcial dedicou o ilustre académico e primoroso escritor Emílio Henriot, na série de estudos latinos do seu livro *Les fils de Louve*.

A quem esteja sofrendo da mesma ignorância vergonhosa e lamentável, recomendo vivamente a leitura deste maravilhoso trabalho, ao mesmo tempo erudito e estético, que decerto melhor introdução não haverá ao conhecimento de tão excelso poeta de há vinte séculos...

Dum outro trabalho recente, re-

(Conclut na 3.ª página)

PRÉMIO "NOTÍCIAS DO ALGARVE"

(Conclusão da 1.ª página)

nantes de Ubá e as sessões do Clube de Ténis que nós já sabemos ser «o mais elegante» de Ubá.

Desempoeirado, no seu formato de jornal «grande», a «Folha do Povo» é bem para nós a viva materialização da Imprensa Regionalista lutadora pelos ideais das suas populações, pelo bem da colectividade, batalhando bravamente pelo Chafariz que irá dar água fresca ao viajante cansado, debatendo-se pelo «caminho» que fará chegar um sopro de progresso às mais distantes aldeias, pedindo a Escola que livre das trevas da ignorância qualquer aldeia perdida nos contrafortes da serra ou esquecida na monotonia da planície.

Por tal motivo a notícia trazida na nossa já afeiçoada «Folha do Povo» nos encheu o coração de júbilo, por vermos o nome do nosso jornal dado a um prémio literário, por vermos o nome do nosso jornal servir uma justa consagração, por ele representar para nós, nesta tão ingrata e desconhecida «Imprensa Regionalista» um incentivo para prosseguirmos firmemente no propósito a que nos dispusémos desde o início do nosso jornal.

Presidência pelo prefeito municipal da cidade de Ubá, sr. Adolfo Nicoloto e pelo presidente da Associação Comercial de Ubá, sr. Miguel Jacob Ibrahim teve lugar no amplo salão do Palácio do Comércio, que estava engalanado com as bandeiras brasileira e portuguesa, e na presença dos representantes da colónia

UMA CARTA

(Conclusão da 1.ª página)

tisfação que esta Câmara Municipal tomou conhecimento da local publicada no conceituado jornal de que v. é tão ilustre director, de 18 do corrente mês, intitulada «A injusta situação do Liceu de Portimão».

Porque o tema focado tem sido e continua a ser um dos mais graves que esta edilidade tem suportado, com reflexos de vária ordem extensivos, até, a toda a província do Algarve, constituindo, por isso, não apenas um problema concelhio mas também um problema provincial, não quer esta Câmara deixar de manifestar os seus mais vivos agradecimentos por tão oportuna publicação em defesa de um problema que todos nós gostaríamos de ver resolvido, quanto antes, e faz votos para que esse jornal continue sempre na posição que espontaneamente tomou, tornando-se, assim, credor da gratidão de todo o concelho.

Apresento a v. os meus melhores cumprimentos.

A bem da Nação

Paços do Concelho de Portimão, 19 de Dezembro de 1960

O Presidente da Câmara,
Rogério dos Reis Alvo

TRÂNSITO NAS RUAS DE Vila Real de Santo António

Pede-nos a Câmara Municipal o favor de chamarmos a atenção do público que foi iniciada a colocação de chapas regulando o trânsito nas ruas da Vila, a fim de evitar-se que, não sendo as mesmas respeitadas, a fiscalização seja obrigada a aplicar as respectivas sanções.

O trânsito em Vila Real de Santo António foi regulado por postura aprovada por despacho ministerial de 30/6/1960, publicado no Diário do Governo II Série n.º 160, de 11/7/1960.

portuguesa da cidade de Ubá, srs. Francisco Américo Fernandes, Manuel Rodrigues Ferreira da Costa, António Lopes Junior, Américo Alves Martins, Eduardo Cardoso, Adriano de Castro Guimarães, Manuel Ribeiro de Almeida, Bernardino da Fonseca, Hernâni Arlindo da Silva, Germano Leite, Manuel Martins, Arlindo da Silva Costa, Manuel Carreira e Manuel de Jesus Branco, a cerimónia evocativa da obra do Infante D. Henrique, tendo tomado inicialmente a palavra o sr. dr. José Lopes Pereira que saudou os jovens estudantes que participaram no concurso literário sobre a obra do Infante.

Seguiu-se a entrega dos prémios, tendo o prémio «Notícias do Algarve» sido entregue à senhorita Elimar Jacob a quem endereçamos, aqui deste cantinho da Europa, uma grata saudação em nome de todos nós, os que neste jornal batalham nas lides da Imprensa.

No final da entrega de prémios, teve a palavra o orador da noite, o erudito dr. Campomizzi Filho que depois de saudar a colónia portuguesa presente, iniciou uma bem documentada palestra sobre a vida e obra do Infante, destacando a predisposição portuguesa pelos descobrimentos, dando novos mundos ao Mundo.

Após a palestra do orador oficial agradeceu as palavras de apreço endereçadas à colónia lusitana, o português sr. Francisco Américo Fernandes, tendo encerrado a sessão o prefeito municipal sr. Adolfo Nicoloto.

PORTUGAL NO ORIENTE (3)

FEITORIA PORTUGUESA DE BANGKOK

(CONCLUSÃO)

É a Tailândia um país progressivo, que alia às suas belezas naturais o conforto e o bem estar de quantos ali vivem e por ali passam.

A sua organização política e civil merecem referência, pois se baseia nos moldes mais modernos, sem receio de confronto com qualquer país da Europa ou da América.

O povo da Tailândia é trabalhador, dócil, e vive satisfeito com o seu governo, que lhe dá paz, sossego e os possíveis benefícios, consoante as suas necessidades. Trabalhador incansável, o povo tailandês distingue-se por muitas qualidades que o tornam merecedor de consideração.

A sua moderna capital — Bang-

kok — se bem que conserve reliquias de um passado longínquo, impõe-se pela sua vida moderna, onde uns dois milhões de almas de uma população mista dão à cidade um foro de uma grande metrópole, e onde o Oriente e o Ocidente se encontram na mais perfeita harmonia.

Além do arroz e da madeira, em que o país é rico, outras fontes de riqueza existem, que muito contribuem para a prosperidade do povo da Tailândia.

Reconheceu sempre o governo da Tailândia, com os maiores encontros, a velha amizade e os serviços que os portugueses prestaram àquele reino, o que deu lugar a velhos tratados de amizade, comércio e navegação.

Quanto às relações comerciais existentes entre os dois países, só sabemos que Macau dali se abastece do arroz que em grande parte é consumido nesta Província, e que o seu preço mais convidativo seria, se não estivesse sujeito às grandes negociações que, por vezes, dão lugar ao encarecimento desta mercadoria, com prejuízo para a população. Em troca também Macau exporta para a Tailândia algumas mercadorias, que ali entram acompanhadas do certificado de origem passado pela autoridade consular.

Tem a Tailândia em Macau, de há longos anos, representação condigna, pois já é a terceira geração em que o Consulado está entregue à família dos Condes de Senna Fernandes.

Quanto à representação de Portugal na Tailândia, consta que a legação se encontra pobremente instalada na velha casa, hoje quase em ruínas.

Num país onde há uma feitoria que, bem dirigida, poderá ser uma boa fonte de receita, não se compreende tal pobreza.

A Feitoria Portuguesa de Bangkok, é território da Nação, que jamais poderá ser alienado, e merece um cuidado que corresponda à generosa gentileza da oferta.

Macau, Novembro de 1960.

José de Carvalho e Rêgo

Só uma cabeça fresca domina os problemas da vida profissional



Defenda-se das dores de cabeça, cansaço e abatimento, tomando

Cafiaspirina[®] garantida pela BAYER

DEVORADA POR UM VIOLENTO INCÊNDIO FICOU DESTRUÍDA A IGREJA PAROQUIAL de CASTRO MARIM

No passado dia 24 do corrente, irrompeu com grande violência um incêndio na sacristia da Igreja Paroquial de Castro Marim, tendo o fogo, dado a antiguidade do edifício e dos seus madeiramentos, propagado rapidamente por todo o vasto edifício.

INDÚSTRIA DE CONSERVAS ESPANHOLAS

Segundo informações recentes, a indústria espanhola de conservas de peixe está disposta a conquistar o mercado estrangeiro e conseguiu já alcançar um lugar destacado no mercado norte-americano, em dura competição com as conservas de procedência japonesa.

A Espanha conta actualmente com oitocentas fábricas de conservas de peixe e, segundo dados estatísticos agora publicados, trabalham nelas mais de 18.000 pessoas. A produção total da indústria conserveira de peixe está avaliada em 5.750 milhões de pesetas.

Nesta província «virada às clareiras do sul», neste extremo mais sulino de Portugal, bem perto de Sagres donde as caravelas do Infante rasgaram os seios virgens dos mares de então, desta província «amada do luar» que se mira nas águas serenas do Atlântico, endereçamos ao nosso prezado colega «Folha do Povo», à Associação Comercial de Ubá e a todos os estudantes desta cidade do estado de Minas Gerais o nosso mais sincero agradecimento, a nossa mais efusiva saudação pela honra com que nos distinguiram.

Armando de Mendonça

Após a pronta intervenção dos Bombeiros Voluntários de Vila Real de Santo António, mais tarde coadjuvados pelos Bombeiros Municipais de Tavira, o fogo, propagando-se por todas as dependências, foi rapidamente atacado, o que permitiu o salvamento da maior parte das imagens e de quase todos os paramentos e arquivos paroquiais.

Construída no século passado, no local onde antigamente se erguia uma capela, a Igreja de N. Senhora dos Mártires, agora destruída pelas chamas, possuía vasta decoração em primorosa talha dourada, quadro e ex-votos de muito valor e ainda curiosos quadros a óleo representando a piedosa lenda do mouro que se tornou cristão. Também possuía diversas imagens, arrecadadas, em magnífica talha e com muitas centenas de anos.

É de notar o esforço dispendido pelos Bombeiros Voluntários de Vila Real de Santo António, na sua abnegação pelo salvamento do recheio da Igreja e pelo rápido ataque ao fogo, assim como a atitude de inúmeros populares que conjuntamente com os bombeiros ajudaram a transportar e pôr a recato todas as preciosidades salvas das chamas.

No sinistro, perdeu-se apenas uma imagem: a de N. S. da Conceição.

NASCIMENTO

Na maternidade do Hospital de Vila Real de Santo António, deu à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria Del Carmen Dominguez Ramirez Fernandes, esposa do sr. dr. José Colaço Fernandes. Mãe e filho encontram-se bem.

TINTAS EXCELSIOR



NA CONSTRUÇÃO NAVAL PORTUGUESA

J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.

Tipografia SOCORRO

Os mais modernos estabelecimentos gráficos do Sul do País — Telef. 59 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Espaço

FEMININO

RETALHOS DA VIDA

Por MARIANA MORGADO

Li algures que o segredo de determinada mulher chegar aos quarenta e cinco anos com a mesma juventude, a mesma candura, os mesmos poderes de atracção dos seus vinte anos é um grande amor que preenche a vida.

Tenho a certeza que muitas pessoas se hão-de ter rido irónicamente desse mistério, pensando que é «blague» ou truque jornalístico para atrair as atenções do público faminto de bisbilhotices e emoções, para comentar à mesa do café ou nos chás.

Mas, não. Concorro plenamente com tudo o que li e com as afirmações publicadas. Deve ser um grande amor que injecta a essa mulher a juventude e a atracção que é factor primordial de a colocar em realce.

Um grande amor, um amor sem interesse nem esperanças, na verdade, é o melhor alimento para as almas sensíveis, almas que não esperam os lucros duma entrega.

Um grande amor opera milagres que os cosméticos não podem fornecer.

Um grande amor, mesmo com sofrimento e renúncia dos próprios desejos, torna a alma em espírito de eleição. É qualquer coisa que de dentro para fora transfigura o físico e dá-lhe uma beleza irradiante, perturbadora.

Tudo é grandiosidade. O sol é menos brilhante que o pensamento, o luar é menos acariciador, menos suave que uma carícia dos seus desejos.

Esta coisa de ter a quem agradar, sentir que a vida tem um objectivo de elevação, sentir que as almas comungam a par é uma eleição que nem a todas é dado conceber.

JORNAL FEMININO

Atraente, de capas sugestivas, o *Jornal Feminino* é a alegria do lar, onde todos os meses penetra com agradáveis leituras e úteis conselhos.

A todas as nossas leitoras recomendamos, certos de que lhes agradará, a compra desta útil e já popular revista feminina.

Eis a razão porque compreendi perfeitamente que essa mulher, quase a chegar aos cinquenta anos, lhe seja possível manter a juventude e se possível mais beleza que nos seus vinte anos.

Conselhos para si...

MÃOS BONITAS

AS mãos exigem tantos cuidados, como o seu rosto. Se quer ter mãos bonitas, siga os nossos conselhos:

— Use luvas de borracha, de pano ou camurça, sempre que faça serviços domésticos.

— Lave as mãos sempre em água morna e nunca em fria.

— Enxugue bem as mãos, depois de as ter lavado.

— Depois de realizar trabalhos domésticos, use um pouco de boratado de soda, na água em que lavar as mãos.

— Passe de quando em vez, nas mãos um creme nutritivo.

Massagem: Sacudir cada articulação, com o auxílio dos cinco dedos da outra mão. Apoiar a mão direita sobre o joelho, a palma para cima, aberta sem rigidez. Com o punho esquerdo, fazer forte pressão sobre a palma. Inverter as mãos. Esfregar as mãos, uma de cada vez, desde as pontas dos dedos até aos pulsos exactamente como se estivesse a calçar uma luva.

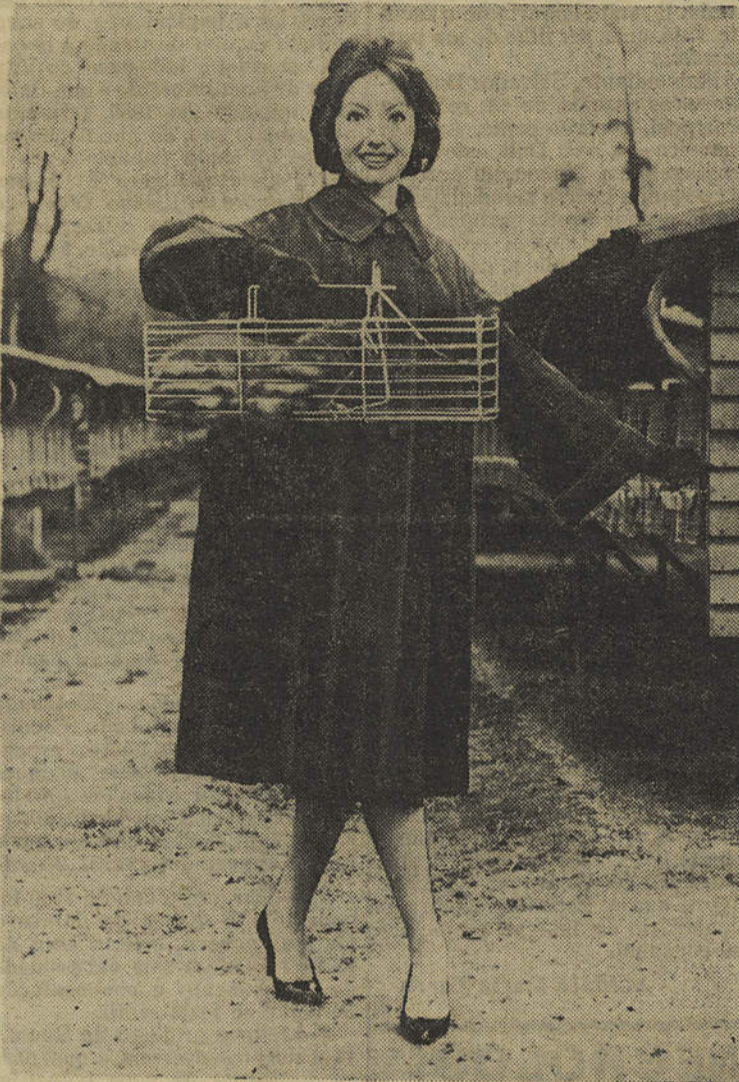
Para adelgaçar cada dedo, comprimi-lo fortemente com o polegar e o indicador, desde a ponta do dedo até à base, e também lateralmente. Repetir quinze vezes por dedo.

Gnástica: Com a mão aberta, horizontalmente, palma para baixo, efectuar a rotação de cada dedo, dez vezes para a direita e dez para a esquerda.

Juntar as pontas dos dedos, como se fosse rezar. Em seguida separar as palmas simultaneamente, sem separar os dedos.

Manter as mãos em posição vertical e fazê-las girar quinze vezes da direita para a esquerda e vice-versa.

CRIAÇÕES DE VISIONS



De olhinhos negros, pequeninos e irrequietos, parecendo um bonequinho de peluche de menina mimada, os visons estão a ser criados em larga escala em parques apropriados para que as suas magníficas peles possam fazer a delícia de tantas senhoras, que suspiram impacientemente por um casaco de vison.

De impermeável negro, este elegante manequim decidiu ir visitar «in loco» os engraçados bichinhos na «Vison-Bianchini», em Paris, para se assegurar de que o seu casaco de pele vison era autêntico. Ei-la sorridente a mostrar às nossas leitoras um desses adoráveis bichinhos!



UM POUCO DE TUDO PARA O LAR E A MULHER

Não chore a beleza perdida dos seus cabelos. Siga os meus conselhos

1.º — Não se descuide, nem deixe de escovar o cabelo todos os dias. Prefira uma escova dura.

2.º — O inimigo implacável do cabelo, é a permanente demasiado forte. Então quando se fazem repetidas permanentes é necessário muito cuidado.

3.º — A descoloração e tintura devem ser feitos por bons cabeleiros.

4.º — Estas descolorações e pinturas não devem ser feitas com excessiva frequência.

5.º — Desconfie dos champôs que contêm amoníaco para desengordurar o cabelo. Se é certo que o limpam, também o debilitam, tornando-o quebradiço, frágil e sem vida.

6.º — A propósito de descoloração. Se recorre à mistura clássica de água oxigenada e amoníaco, não esqueça de lavar a cabeça com água em abundância.

7.º — Um processo de ondular o cabelo que está definitivamente fora de moda é o uso do ferro. Isso era muito prejudicial para o cabelo.

8.º — O sol forte e o vento prejudicam os seus cabelos; sempre que possível cubra-os com um lenço.

9.º — Para dar brilho ao cabelo não use qualquer gordura, mas apenas produtos apropriados.

10.º — Um inimigo, menos conhecido, mas não menos perigoso, para o seu cabelo são os «bigodis» metálicos. Eles estragam a mais famosa cabeleira.

Isto é consigo, NOIVA!

SÃO tantos os preparativos que o tempo não chega para nada. E muitas vezes a noiva esquece-se de si mesma.

Ora isto não está bem. No dia do seu casamento deve apresentar-se com uma fisionomia alegre, bonita e cuidada.

Por isso vamos lembrar-lhe alguns pormenores para que a sua beleza seja realçada.

Experimente o seu baton com uma toilette branca; assim não acontecerá de chegar ao último minuto e constatar que o baton não fica bem com a cor imaculada do vestido.

Escolha um perfume levezinho é suave que não destoe na toilette diáfana de noivado.

O seu banho do grande dia deve ser um tratamento de beleza.

Adicione à água cristais ou óleo de banho.

Depois de sair da banheira faça uma fricção no corpo com a toalha e polvilhe-se com talco discretamente perfumado.

Um talco que tenha um perfume igual ao da água de colónia que deve aplicar, depois de vestida, nos pulsos e na base do pescoço.

Faça os seus planos com antecedência de modo a não deixar acumular na última hora detalhes aborrecidos.

E não esqueça de contar com umas horinhas para um descanso.

Isto contribuirá acima de tudo para que no seu grande dia esteja mais linda do que nunca.

MARCIAL

CONCLUSÃO DA 2ª PAGINA

corto estes traços, sobre o *Epigrama satírico* de Marcial: «vindo da Espanha para Roma, ali levou, graças à poesia alimentar, uma existência mais trabalhosa que gloriosa, até ao dia em que, desgostado, voltou a acabar os seus dias no país natal. Plínio, o moço adiantou-lhe o dinheiro da viagem». *Poesia alimentar?* Sim, porque toda a vida Marcial teve de pedir à *esportula* os seus meios de existência, e *esportula* se chamava à dádiva de dinheiro ou comestíveis que o patrão fazia aos seus clientes, que todos os dias desde manhã o vinham visitar, servir e solicitar favores. Marcial compunha *epigramas* todos satíricos, por vezes de um ou dois versos apenas, para divertir os seus ricos protectores, com ditos de espírito, quer contando simplesmente casos do dia, quer fazendo caricaturas de factos ou de gente de todas as condições e de todos os meios, sem indulgência... mas também sem maldade. Marcial possuía a arte de dizer as coisas mais chocantes com bastante ironia (jogos de palavras, calemburgos) para que a gente se risse sem ter desejo de se zangar. Marcial é assim, sem dúvida o mais espirituoso de todos os escritores latinos.

«Marcial, observa finamente Henriot, faz pensar ao mesmo tempo em La Bruyère e em Chamfort, em Jules Renard e em Jean Lorrain... «Marcial é um realista, artista em verso mais do que poeta moralista no sentido de curioso de costumes, sem nenhuma preocupação de moral, e que dirá tudo, muito cruetamente, do espectáculo que tem debaixo dos olhos; indignado de nada, divertido de tudo; gostando de rir daquilo que vê e fazendo rir daquilo que escreve». «Se se quiser saber o que foi a vida romana no tempo dos Césares é Marcial que é preciso ler».

Nas edições Garnier frères, de Paris, dos clássicos latinos, as

obras completas de Marcial encontram-se publicadas em dois volumes, com a respectiva tradução. Assim ficam informados os ignorantes, como eu, que o queiram ler.

Para despertar o apetite, este acepipe que colho de Henriot: «Gemelo quer casar com Maronilla; ele deseja, insiste, supplica. Ela não é bonita. Que tem ela então?... Ela tosse... Mas que quer isto dizer? Que gracejo insensível haverá nesta palavrinha final, bem soante? Ela tosse: deve-se ler que ela morrerá dentro em pouco, e que o pretendente desta beleza insuficiente tem, afinal de contas, uma boa razão para gostar dela: porque herdará!»

Francisco Fernandes Lopes

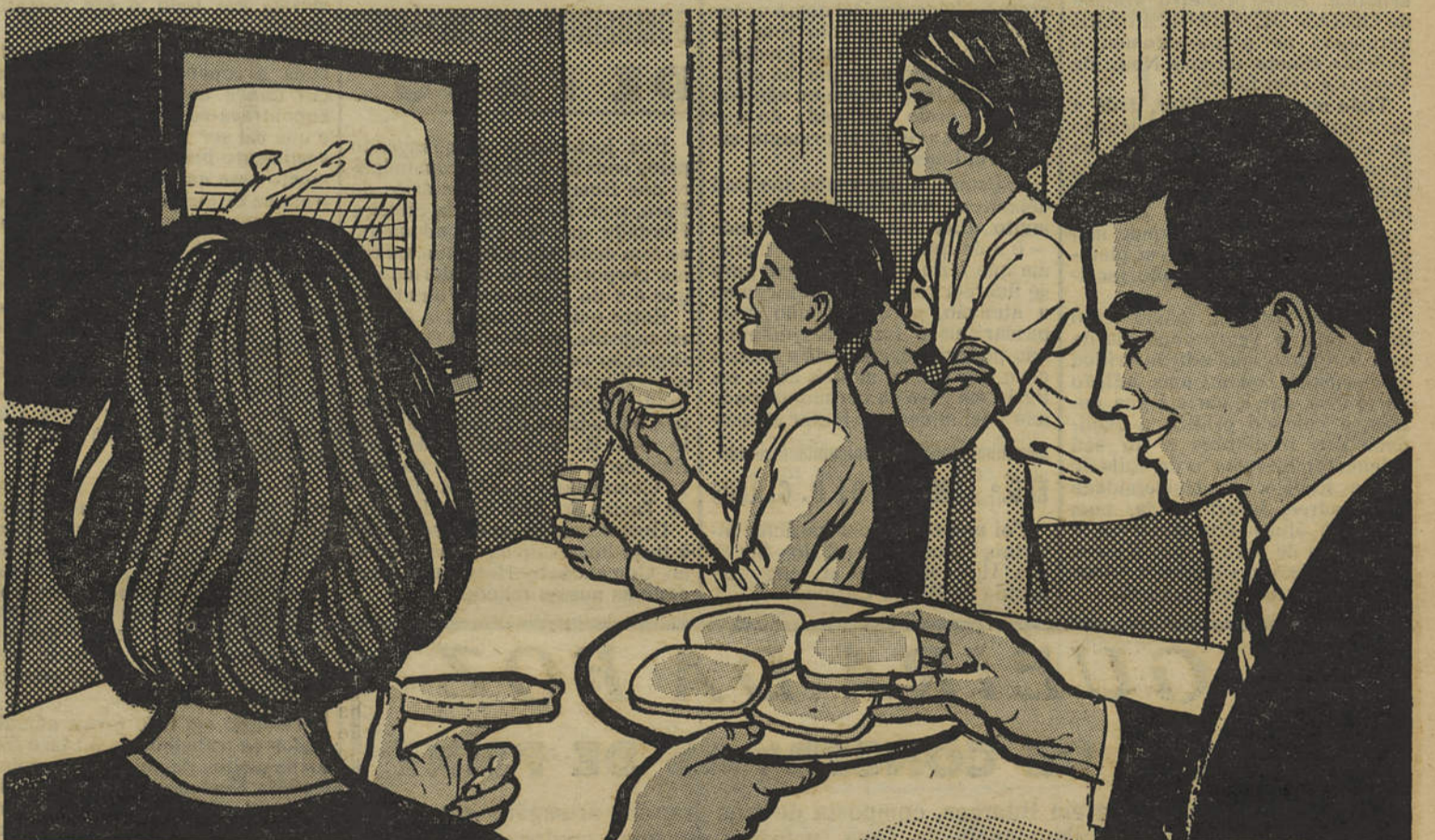
TRAINEIRAS EM FIBRA DE VIDRO

Está em construção nos estaleiros de Grimsby uma traineira de características absolutamente originais e que pode ser considerada como a precursora das traineiras futuras.

A primeira característica revolucionária é o casco construído inteiramente em fibra de vidro. Além disso será a primeira traineira com propulsão diesel-eléctrica, (3 motos Diesel de 440 CV que accionam geradores com um motor eléctrico que desenvolve 800 CV) a operar na zona que lhe ficará destinada.

O arranjo interno será também fundamentalmente diferente do das traineiras actualmente em operações. A casa das máquinas ficará entre a meia nau e a proa, deixando grande espaço à ré da casa das máquinas para a pescaria, com rampa para alar as redes.

As acomodações dos tripulantes ficam por baixo do deck da proa.



Complete o prazer deste bom momento, saboreando Planta!

Em família ou com amigos, este é o momento em que se goza o conforto e a alegria dum bem merecido repouso. Este, é o momento de servir Planta! Com o seu puríssimo e delicado paladar, Planta faz as mais deliciosas torradas! Simples fatias de pão barradas com uma rica e gostosa camada de Planta, são uma delícia! Saboreie consoladamente toda a pureza e frescura de Planta. A sua embalagem de plástico 100% estanque, única em todo o mundo, conserva Planta tão pura e fresca como no momento em que é empacotada.

Planta a gordura das pessoas de bom gosto



FÁBRICA IMPERIAL DE MARGARINA, LDA. SACAIVEM

DESPORTO

A propósito de...

(Árbitros e arbitragens)

(CONCLUSÃO DA 5.ª PAGINA)

pectáculo caro para a maioria das bolsas e que o prazer de ver o clube favorito ou um jogador de admiração leva a muitos sacrifícios.

Até aqui estará tudo muito certo, mas também estará certo que não sejam cumpridos os deveres de correcção e de lealdade?

Estará certo que os senhores juizes das partidas provoquem muitas vezes uma reacção desfavorável e excitante da parte do público?

Quantas vezes não são eles, que devendo usar da maior imparcialidade e rectidão, os únicos culpados dos dissabores que se verificam no decorrer dos jogos, dentro e fora do rectângulo?

O Lusitano tem sido esta época particularmente visado por deficientes arbitragens; a par de uma enorme falta de confiança nos seus próprios recursos, aliada à forçada ausência de alguns dos seus melhores elementos, a equipa vila-realense pode queixar-se amargamente de ter sido uma grande vítima de alguns juizes de campo.

Foi assim em Marvila, contra o Oriental, em Vila Real, contra o Olivais e agora no jogo contra o Olhanense. Estes dois jogos, porém, têm a sua explicação por a arbitragem ter estado a cargo do conhecidíssimo sr. Lourenço Simões.

R. P.

OBRAS DE SHAKESPEARE

JÁ se encontra à venda, nas livrarias de todo o País, o décimo fascículo de OBRAS DE SHAKESPEARE, continuando este empreendimento a primar, quanto à entrega ao público, pela pontualidade.

Dentro de pouco tempo, a partir do 13.º fascículo, proceder-se-á à encadernação do primeiro volume, estando o pintor Manuel Lapa a estudar a sua composição artística. Este primeiro volume de OBRAS DE SHAKESPEARE abrangerá as peças «Romeu e Julieta» «Sonho de uma Noite de Verão» e «Rei Lear».

Tudo nos faz acreditar, dada a seriedade de que esta publicação se reveste, de que estamos em presença da obra que há tanto tempo se dizia fazer falta à cultura nacional. Portugal era até aqui dos poucos países onde não existia uma tradução bem planificada da obra do grande escritor Isabelino.

Shakespeare, um génio cujo nome toda a gente conhecia de cor, não tinha uma edição crítica dos seus trabalhos, uma edição como esta, que à parte a sua beleza, e cuidado gráfico, a qualidade dos tradutores e do seu orientador literário, o dr. Luís de Sousa Rebelo, da Universidade de Londres, levará ainda, num estudo à altura dos melhores, a assinatura de John Dover Wilson, um dos mais profundos críticos do genial autor de «Hamlet».

Velázquez visto por Dali

ESPAÑA está presentemente a comemorar uma data notável na história do seu riquíssimo património cultural — o centenário de Velázquez. É um facto que transcende o âmbito das fronteiras espanholas e interessa todos os círculos artísticos d'aquém e d'além Atlântico, em Roma como em Buenos Aires, em Paris como no Rio de Janeiro, em Londres como em Nova York ou Filadélfia, mas que interessa, principalmente, os círculos artísticos e intelectuais portugueses, os quais se sentem ou deviam sentir na obrigação de partilhar com os espanhóis as homenagens a prestar à memória do genial pintor de «Las Niñas».

Filho de português, ele próprio considerado português por alguns dos seus contemporâneos espanhóis, Velázquez da Silva é, pelo menos, pertença comum dos dois povos ibéricos; seria um preconceito pretender «lusitanisá-lo» por completo, pois que a sua vida e o seu trabalho se fizeram em Espanha e à Espanha ficaram pertencendo, como árvore que se transplanta e cria no novo solo, não só os frutos como também as raízes fortíssimas da tradição; mas seria ingrato da nossa parte não honrar em Velázquez da Silva o que ele teve e tem de português, no sangue, no carácter e na feitura das suas obras.

Tratando-se de um artista, o que aliás melhor pode definir-lhe a nacionalidade não é a filiação nem a terra de origem, mas sim a pátria espiritual, que a sua criação artística reflecte e consagra. Ora no caso de Velázquez essa pátria é, grandemente, a portuguesa.

Temos um testemunho a este respeito bem recente e insuspeito — as entrevistas publicadas na Imprensa de Lisboa e feitas com Salvador Dali, na famosa casa catalã de Port Lligat, onde o «Surrealista número um» edificou o seu mundo de fantasia, pretensa loucura e alguns — mas verdadeiros — rasgos de genialidade.

Diga-se de passagem que estas entrevistas com Salvador Dali ficam a constituir um dos seus melhores retratos, tanto quanto é possível retratar ao natural um espírito por natureza mistificador e que, por gozo de humorista e esportista de bom negociante, de há muito se habituou a desempenhar o papel de «menino-diabólico» e se compraz em afirmar que «às vezes não consegue dormir, porque passa as noites a rir do que as pessoas lhe dizem»; nas declarações que confiou agora ao jornalista português que o visitou há uma apreciável soma dos habituais ingredientes dalinianos — a condenação de Cezanne, a auto-comparação a Rafael, o desprezo por Van Gogh, os repentes infantis e desconexos, os paradoxos incompreensíveis, o egocentrismo mais absoluto e até o anúncio de uma nova fórmula, o «cle-dadismo»; mas há, também, aspectos ignorados, lúcidos, sérios e, sobretudo, honestos, tal como acontece, ao fazer o repúdio total da versão corrente da sua loucura: «A única diferença que há entre mim e um louco é que eu não sou louco e creio que nada do que aconteceu exteriormente me tornaria louco».

Em suma, a impressão que Dali deixou ao seu entrevistador — e muito diferente da generalizada — é a de que passou já o tempo em que fazia «surrealismo» para se fixarem nele. Hoje Dali chama a atenção, porque já não pode passar sem o fazer. No entanto, não poderia repetir hoje a mesma cena que fez, há muitos anos, em Paris, em casa de cerimónia, onde não comeu nada ao jantar alegando...

ENG.º ARMANDO DA P. CARLOS

Foi nomeado, com carácter interino, Director-Geral dos Serviços Hidráulicos, o sr. eng. Armando da Palma Carlos.

do que andava a comer uma cristaleira; nem se metiera já dentro de um escafandro para pronunciar uma conferência, nem poria verniz no cabelo só para o tornar mais brilhante.

Ora entre os vários temas sérios que se puseram no decorrer desta conversa de uma hora com o pintor de Port Lligat figurou a lusitanidade de Velázquez; a este respeito, como a tantos outros, Dali foi de uma clareza impressionante:

— Em verdade — disse — na pintura de Velázquez existe algo que não aparece em toda a pintura espanhola; a saudade, a melancolia. O português possui o dom de ver, de observar as coisas de uma maneira atlântica, concentrada. É muito importante o facto de Velázquez ser filho de um português...

Mais adiante, Salvador Dali teve novos ensejos de se referir a Portugal, à nossa gente, à nossa maneira de ser. Dali esteve de passagem em Lisboa, no começo da segunda guerra mundial, quando do grande êxodo europeu; Dali foi um dos muitos refugiados que Portugal acolheu, carinhosamente, entre milhares, entre dezenas de milhares; talvez por isso Salvador Dali — que dos pintores portugueses contemporâneos apenas se lembra de Maria Helena Vieira da Silva, mas que não esquece haver um desenho seu no Museu do Caramulo — talvez por isso Dali fosse mais uma vez sincero, involuntariamente sincero, ao declarar que «o português é o elemento subtil que dá a canalização da medida exacta de certas coisas que não chegariam a realizar-se se não existisse esse mesmo elemento; o português é sempre comedido, sério, honesto»...

O que interessa aqui, todavia, não são as boas impressões de Salvador Dali acerca de Portugal e dos portugueses e que podem ser tomadas à conta de simples amabilidade; o que interessa — por ser oportuno e indiscutível — é registar o apoio dado espontaneamente por Dali à tese do portugalismo de Velázquez da Silva, agora que a Espanha celebra o centenário do insigne pintor lusoespanhol.

António Maria Zorro

NECROLOGIA

António dos Santos Trindade

Faleceu na sua residência, em Vila Real de Santo António, no passado dia 21 do corrente, o sr. António dos Santos Trindade, solteiro, comerciante, de 65 anos de idade.

O extinto era irmão das sr.ªs D. Lucinda, Acácia, Rita, Alice e Arminda dos Santos Trindade.

À família enlutada apresentamos sentidas condolências.

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE FARO

Foi justamente homenageado pelos seus 20 anos de comandante dos Bombeiros Voluntários de Faro, o sr. Herculano da Silveira Herdade, que tão abnegadamente se tem dedicado a tão humaníssima corporação de solidariedade, que é a do Bombeiro Voluntário.

Entre outros camaradas do homenageado, assistiram a essa consagração os srs. Luís Acácio Cardoso Figueiredo e Jacinto Andrade Figueiredo, respectivamente Comandante e Sub-Comandante dos B. Voluntários de Vila Real de S. António, bem como o 1.º Comandante dos B. Municipais de Tavira, sr. José Filipe Ribeiro.

Gostosamente nos associamos à justa homenagem, apresentando ao Comandante Herculano Herdade as nossas felicitações.

RELATÓRIO DA GERÊNCIA DO ANO DE 1960

DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EFECTUOU-SE, há dias, a sessão do Concelho Municipal de Vila Real de Santo António, que tomou conhecimento do Relatório da Gerência de 1960, o qual foi unanimemente aprovado.

Depois de algumas considerações preliminares, foi lido o relatório, que a seguir transcreevamos pericialmente:

1) — A compra de terrenos necessários à implantação do novo edifício escolar destinado à Escola Comercial e Industrial de Vila Real de Santo António e que tinha sido iniciada em 1959, terminou no passado ano, do que imediatamente foi dado conhecimento à Junta Central para as Novas Construções do Ensino Técnico e Secundário. Como o respectivo projecto estava concluído, foi possível pôr a dita construção imediatamente em praça, e foi com o maior prazer que esta Câmara constatou terem sido iniciados os respectivos trabalhos ainda no mesmo ano de 1960.

Trata-se de um empreendimento de grande vulto e cuja repercussão no futuro desta Vila nunca é demais salientar. Infelizmente esta Câmara não pôde, até à data, fazer a venda dos referidos terrenos à mencionada Junta, em virtude de alguns dos anteriores proprietários ainda não terem conseguido registar os terrenos vendidos na Conservatória do Registo Predial, o que é actualmente obrigatório.

No edifício onde actualmente funciona a mencionada Escola, e que foi feito totalmente a expensas desta Câmara sem qualquer auxílio exterior, ainda em 1960 foram necessários introduzir diversos melhoramentos com os quais foram despendidos Esc. 37.960\$20.

2) — Durante o ano de 1960 foi concluída a Avenida Ministro Duarte Pacheco, artéria essa de muito trânsito e cuja necessidade de alargamento e pavimentação há muito se fazia sentir.

Foi feito o projecto da Rua n.º 14 e suas transversais, a qual passa a Poente da zona industrial Sul, e que serão aquelas que vão servir o novo Bairro de Casas para famílias pobres, ao mesmo tempo que irão possibilitar a construção de edifícios na zona a Norte da estrada municipal Vila Real-Monte Gordo e a Nascente da referida Avenida Ministro Duarte Pacheco.

Além disto, foram feitos diversos melhoramentos de conservação das ruas existentes, e foi lançada uma camada de barro ao longo da Rua dos Centenários, permitindo assim a utilização da mesma em todo o seu comprimento.

3) — Ainda em 1960 foi adjudicada a reparação total da Rua Gil Eanes cujo piso empedrado encontrava-se em péssimo estado e que vai ser substituído por revestimento betuminoso, melhoramento esse que se impunha, pois trata-se de uma das ruas de maior movimento daquela conhecida estância turística.

Também em Monte Gordo foi mandado fazer o projecto da Rua Gonçalo Velho na sua parte Nascente, pois trata-se de uma via pública na qual já existem diversas moradias novas, sendo também aquela que vai permitir o acesso ao novo mercado, que esta Câmara pensa mandar construir com grande brevidade.

4) — Conforme já se previa no relatório do passado ano, foram adjudicados os trabalhos referentes à reparação e alargamento da estrada municipal Manta Rota-Corte António Martins (2.ª fase) os quais tiveram o seu início ainda em 1960. Trata-se de um grande melhoramento para a nossa freguesia rural, pois é a sua estrada de maior movimento.

Também em 1960 foram adjudicados os trabalhos da 3.ª fase dos arruamentos de acesso às escolas de Vila Nova de Caelela, os quais ainda não foram iniciados em virtude de diversos problemas relacionados com a aquisição dos terrenos necessários, o que sempre acontece naquela freguesia quando os melhoramentos afectam qualquer parcela de terreno particular, por mais ínfima que seja. Desde logo há excepções que só servem para confirmar a regra.

5) — Estão em vias de conclusão mais 12 fogos para famílias pobres os quais irão minorar um pouco a grande falta de edifícios desta natureza que existe na Vila. Infelizmente, trata-se de um empreendimento a que o Estado não pôde auxiliar com mais de Esc. 10.000\$00 por cada fogo, e assim difícil será fazerem-se mais, posto que estes 12 fogos importaram em mais de 360 contos sem contar com as despesas de urbanização que ainda se terão de fazer. Está-

se procedendo à conclusão do processo respectivo para ser enviado a Sua Ex.ª o Senhor Ministro das Finanças no sentido de ser marcada a renda que os inquilinos deverão pagar pela ocupação desses fogos.

6) — O facto de Vila Real ter de abastecer de água, não só a sede do Concelho, como também Monte Gordo e Castro Marim, obrigam esta Câmara a olhar para o problema do abastecimento de águas com a maior atenção. Assim, e em virtude das actuais captações terem já demonstrado que são insuficientes para um normal abastecimento, em anos em que o inverno tenha sido pouco chuvoso, esta Câmara resolveu-se a, com o auxílio técnico e financeiro da Direcção dos Serviços de Salubridade, mandar executar diversas prospecções para estudo e possível aproveitamento dos furos que se efectuassem.

Foram feitos 7 com uma despesa total de Esc. 426.413\$30, dos quais 4 foram dados como aproveitáveis. Nessas condições já se pediu à mesma Direcção para que nos fosse indicado um técnico competente para elaborar o respectivo projecto.

7) — O facto de Monte Gordo ser cada vez mais conhecida como uma das melhores estâncias de turismo do País e também o desenvolvimento que a mesma está atravessando, impõe às autoridades responsáveis a obrigação de não entrar esse desenvolvimento, indo ao encontro das suas necessidades básicas. Como uma destas, senão a principal, encontra-se o problema dos esgotos de Monte Gordo eram todos encaminhados para duas fossas (uma a Nascente e outra a Poente) mas cuja capacidade já há vários anos que é insuficiente para as necessidades, que cada vez são maiores.

Quando a Câmara Municipal levou à hasta pública um terreno para construção de um hotel em Monte Gordo, teve que incluir nas condições de praça que a mesma construíra uma fossa, à sua custa, e só para utilização do referido hotel. Desde logo, tratava-se de uma solução de recurso que de forma alguma poderia ser mantida largos anos, pelos naturais inconvenientes. Por todas estas razões, a Câmara Municipal resolveu mandar elaborar um projecto para a rede de esgotos de Monte Gordo, mas com a obrigação dos mesmos não irem para fossas nem para o mar. O autor do projecto, técnico de justificado renome neste campo, propôs que os esgotos, depois de reunidos em determinado ponto, fossem bombeados para uma estação de tratamento e mais tarde deitados no esteiro da Carrasqueira a Noroeste da estação do caminho de ferro de Monte Gordo.

Como porém o desenvolvimento de Monte Gordo tende a fazer-se na direcção de Vila Real, alvitramos que talvez fosse melhor encaminhar esses esgotos, e a partir da mesma estação de bombagem, para o Rio Guadiana e ao longo da estrada municipal que atravessa a mata. Esta solução traria a vantagem de dispensar a estação de tratamento, cujo funcionamento perfeito é duvidoso, resolveria o problema do saneamento de todas as construções que se viessem a fazer ao longo da mesma estrada, e ao mesmo tempo iria contribuir para o saneamento de uma parte da zona Sul da Vila, única que ainda não tem a sua rede de esgotos completa.

Esta lembrança mereceu parecer favorável dos serviços técnicos do Ministério das Obras públicas, estando agora o projecto no Ministério da Saúde e Assistência para receber o necessário parecer da Junta Sanitária de Águas. Se o referido parecer também lhe for favorável, é natural que ainda no corrente ano sejam iniciadas as obras de tão importante melhoramento básico.

8) — Pelas razões apontadas na alínea anterior tem esta Câmara sido muito solicitada no sentido de pôr em praça terrenos destinados

a edificações habitacionais. Sucede porém que, na sua maioria, ou totalidade, o que se pretende construir são edifícios unifamiliares ou quando muito para 2 fogos. Pelo plano de urbanização de Monte Gordo esse tipo de construção deverá ser situado nas zonas mais interiores e, portanto, onde não existem arruamentos. Desde logo, sem a existência destes, impossível se torna proceder à construção de imóveis, pelo que a venda de terrenos tem sido condicionada às possibilidades de acesso oferecidas por aqueles. Em 1960 foram postos em praça os seguintes lotes:

- Um para uma pensão
- Um para vivenda isolada
- Dois para propriedade contínua.

Destes, só o primeiro não teve concorrentes.

Os outros foram vendidos, respectivamente, a 117\$50 e a 37\$50 cada metro quadrado. o que mostra bem o interesse que há pelos terrenos onde se podem construir vivendas isoladas.

Desta forma a Câmara vai diligenciar no sentido de ver se lhe será possível pôr em praça outros lotes de terrenos com as mesmas características, com o fim de não se perder o interesse pela construção em Monte Gordo.

9) — Conforme já dizia no meu relatório referente ao ano de 1959, a afluência ao nosso Parque de Campismo em Monte Gordo deu origem a que fosse mandado fazer um projecto de ampliação e melhoramento do mesmo, o qual, na sua 2.ª fase, previa uma despesa de 800.000\$00. O projecto foi sujeito à apreciação do Fundo Nacional de Turismo, que o aprovou, ao mesmo tempo que nos concedia uma participação de 400.000\$00 para podermos realizar esses trabalhos. Logo que terminou a época de maior movimento no Parque, iniciaram-se as obras, esperando que as mesmas estejam prontas em meados de Maio, o mais tardar. Este nosso parque ficará, depois destas obras, a ser o melhor do País e talvez mesmo o melhor da Península Ibérica.

10) — Têm prosseguido em ritmo apreciável as obras de electrificação do Concelho, e assim, em 1960, não só foi iniciado o abastecimento de corrente eléctrica em alta tensão à freguesia sede, como também foi ligada à alta tensão a rede de Monte Gordo, o que permitiu a paralização da central térmica que a Câmara Municipal possuía naquela praia.

Além disso foram assinados os contratos de empreitada para electrificação da freguesia rural de Vila Nova de Caelela, os quais, nesta sua primeira fase, englobam os lugares da Venda Nova e Manta Rota, que são os dois mais populosos da freguesia.

Na sede do Concelho, a modificação da rede eléctrica deve ficar concluída dentro de pouco tempo, permitindo assim a paragem da nossa central térmica, com os respectivos benefícios inerentes.

No que se refere a novas tarifas, foram estas solicitadas logo em Junho de 1960, mas infelizmente chegou-se ao fim do ano sem as mesmas terem sido aprovadas. Segundo informações colhidas nos meios oficiais competentes, espera-se que elas sejam publicadas no Diário do Governo por todo o mês de Fevereiro, o que trará grandes benefícios a todos os consumidores.

JOÃO CUMBRERA RAMIREZ

Regressou a Vila Real de Santo António, ainda convalescente da grave doença que o acometeu, e que o forçou a permanecer durante longo tempo no Hospital da CUF em Lisboa, o nosso prezado assinante sr. João Cumbreira Ramirez.

Fazemos votos pelo seu rápido restabelecimento.

FIGUEIRA DA FOZ FÁBRICA DE CONSERVAS DE PEIXE

Aluga-se, situada em Buarcos, composta de três grandes armazéns e vasta área de terreno, com abundância de água, próxima da lota, centro de pesca importante e pessoal habilitado.

Resposta à Redacção deste jornal ao N.º 32

ALGARVE Máquinas de Costura

Estando a organizar-se a rede de Agências das Máquinas de Costura BORLETTI na provincia do Algarve, solicitamos a todos os interessados para se porem em contacto com os Representantes Gerais em Portugal:

ARNALDO TRINDADE & C.ª, L.ª
RUA SANTA CATARINA, 117 — PORTO

VINHOS

Trespasa-se em Loulé, no melhor local, Armazém com depósitos para 100 mil litros, e vasilhame circulante, etc. Boa oportunidade.

Dirigir aos Armazéns de Vinhos, Lda.

LOULÉ

página

DESPORTIVA



REALIZA-SE HOJE

A SEGUNDA JORNADA DA 1.ª ELIMINATÓRIA DA «TAÇA DE PORTUGAL»

Os Campeonatos Nacionais de Futebol terão hoje nova interrupção para que se realize a segunda jornada da 1.ª eliminatória da Taça de Portugal.

Os jogos a disputar serão os seguintes (entre parêntesis os resultados da 1.ª mão):

- Benfica-Salgueiros (3-2)
- Sporting-Atlético (2-0)
- Lusitano-Porto (0-3)
- Académica-Barreir. (2-4)
- Olhanense-Covilhã (1-1)
- Guimar.-U. Coimbra (4-0)
- Cuf-Peniche (5-1)
- Lusitano V. R.-Braga (2-4)
- Belenenses-Vianense (4-1)
- Leixões-Alhandra (2-2)
- Olivais-Chaves (0-4)
- Beja-Boavista (0-5)
- Juventude-Montijo (0-6)
- Estoril-Setúbal (0-3)
- Castelo-B.-Oliveiren. (0-2)
- Gil-Vicente-Feirense (1-5)
- Farense-Marinense (1-2)
- Beira-Mar-Montemor (0-2)
- Oriental-Caldas (0-2)
- Sacavenen.-Torriense (0-1)
- Sanjoan.-Portimonen. (1-1)

Campeonato Nacional da II Divisão

OLHANENSE, 6 - LUSITANO, 0

SEM DISCUSSÃO A VITÓRIA OLHANENSE

Jogo no Estádio Padinha, em Olhão, perante regular assistência.

Árbitro: Lourenço Simões, de Évora.

OLHANENSE — Paulo, Alfredo, Luciano e Rui; Madeira e João Francisco; Matias, Campos, Parra, Artur e Cava.

LUSITANO — Martinez; José Pedro, Padesca e Gonçalves; Rodolfo e Salvador; Barbudo, Jaruga, Marco, Vicente e Araújo.

Este ano parece ter-se quebrado a tradicional dificuldade dos jogos entre olhanenses e lusitanistas. Havia sempre grande expectativa quando as duas equipas se defrontavam, pois era largamente conhecido o interesse que ambas punham na luta e o brio, a voluntariedade, o vigor, tantas vezes excessi-

vo, com que se batiam os seus jogadores.

Esta época as coisas passaram-se de modo diferente, tendo o Olhanense torneado este obstáculo com aparente facilidade.

Quando o desnível técnico é tão flagrante como o que se viu no passado domingo no Estádio Padinha, a dúvida, quanto ao vencedor, consiste apenas em saber quanto tempo durará a resistência do mais fraco. Se este consegue marcar um ou mais golos, tem de admitir-se a hipótese não diremos já de uma surpresa, mas, pelo menos, de luta mais cerada, mais renhida, e, por consequência, de maior esforço exigido ao grupo tecnicamente mais bem apetrechado. Quando assim não acontece, a maior classe, por via de regra, não tarda a vir

ao de cima e a materializar-se no marcador.

Não faltaram oportunidades, ao Lusitano, nos primeiros dez minutos, para se colocar na posição de possível vencedor. Se aproveitasse essas ocasiões, por certo a tarefa de recuperação dos locais seria bem mais difícil. Desperdiçaram-nas, porém, e, logo a seguir, o Olhanense marcou um golo. Com a marcação do segundo tento, à meia hora de jogo, o encontro ficou resolvido. A única dúvida, a partir dessa altura, residiu em saber onde iria o resultado, que parecia destinado a subir assustadoramente. Dois golos de jogadas bem delineadas, outros tantos de «brindes» da defesa visitante e outro de «penalty». Mas registaram-se tantas oportunidades mais, que o resultado podia muito bem ser mais volumoso, sem que houvesse motivos para estranheza, pelo menos para os espectadores.

Na segunda parte o domínio dos locais foi ainda mais intenso, mostrando o Olhanense que não é por mero acaso que ocupa o lugar de «comandante» da sua zona.

No Lusitano destacaram-se Jaruga, Marco e Rodolfo.

No Olhanense estiveram em evidência: Matias, Campos e Parra.

Arbitragem péssima.

MAGOVY

CLASSIFICAÇÃO

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
OLHANENSE	19	13	5	1	56-14	31
FARENSE	19	14	1	4	40-18	29
Oriental	19	12	4	3	40-16	28
V. Setúbal	19	11	5	3	54-21	27
Alhandra	19	10	4	5	46-39	24
Montijo	19	8	5	6	34-35	21
S. L. Olivais	19	8	3	8	37-31	19
PORTIMONENSE	19	8	2	9	31-28	18
D. de Beja	19	7	2	10	22-33	16
Sacavenense	19	4	5	10	23-49	13
Juventude	19	5	3	11	24-48	13
LUSITANO	19	4	4	11	19-36	12
Estoril	19	4	3	12	23-34	11
U. de Montemor	19	2	—	17	30-27	4

Jogos para a próxima jornada: LUSITANO-Alhandra; Estoril-OLHANENSE; Beja-Sacavenense; Montijo-V. Setúbal; Oriental-Montemor; FARENSE-PORTIMONENSE e Olivais-Juventude.

Campeonato Nacional da III Divisão

Silves, 6-Sambrasense, 1

Jogo em Silves. Árbitro: Joaquim Alvo, de Faro.

SILVES — Fernando; Maurício, José Alves e Loia; Pacheco e Albertino; José António, Carlos Silva, Grilo, Helder e José Domingos.

SAMBRASENSE — Januário; Rodrigues, Chitas e Bandeira; Rosa e Ventura; Monteiro, Borges, Henrique, Herculano e Tavares.

Ao intervalo: 2-0. Marcam: Carlos Silva (1), Helder de grande penalidade, Pacheco, José Domingos, José António e Grilo, pelos locais; e Monteiro, pelos visitantes. Partida bem disputada e domínio intenso do Silves.

Boa arbitragem.

Esperança, 3-Louletano, 2

Jogo em Lagos, no Campo Rossio da Trindade. Árbitro: Armando de Sousa, de Faro.

ESPERANÇA — Cadete; Silvestre, Eduardo e Amíl-

car; Fiscaliza e Ricardo; Conceição, José Pedro, Gorgulho, Reis e Constantino.

LOULETANO — Assunção; Albano, Larguito e Monteiro; Seruca e Américo; Parra, André, Gonçalves, Xavier e Perruca.

Ao intervalo: 3-1. Marcam: Constantino (2) e José Pedro, pelo Lagos e Xavier e André, pelo Louletano.

Os locais tiveram uma boa primeira parte, mas a reacção dos visitantes depois do intervalo ia-lhes furtando o triunfo.

Arbitragem regular.

CLASSIFICAÇÃO

	pontos
Silves	9
Moura	8
Sambrasense	7
Aljustrelense	7
S. Domingos	6
Esperança	5
Ferreirense	5
Louletano	3

O «Notícias do Algarve» vende-se na Livraria CAPELA, em Olhão.

Pensava que o meu vestido estava branco...

...mas o dela tem a brancura OMO!



A verdade é que nenhum produto consegue lavar tão bem. Omo é extraordinário! A sua espuma eficiente e abundante lava maravilhosamente. É que não fica sombra de sujidade na roupa. Tudo é cuidadosamente retirado pela acção suave de Omo. Por isso a roupa fica tão bem

lavada, mais branca — com a brancura Omo!

Omo é económico por muitas razões: porque poupa tempo, dinheiro e, sobretudo, porque poupa a roupa! Omo actua sozinho soltando dos tecidos toda a sujidade; assim, a roupa não é maltratada e por isso dura mais tempo.



lava mais branco!

CICLISMO

João Bárbara (G. Távira) venceu a prova «Aniversário da Associação de Ciclismo de Faro»

Em Faro disputou-se no Domingo a prova de abertura da época, que foi denominada «Aniversário da Associação de Ciclismo de Faro».

A prova de independentes disputou-se num percurso de 107 quilómetros e foi ganha por João Bárbara, do Ginásio de Távira, que gastou 2h 45m 10s. Seguiram-se-lhe, com o mesmo tempo, Vítor Lourenço, Virgílio Nunes e Humberto Corvo.

Em seniores, que cobriram a mesma distância no mesmo percurso, a vitória pertenceu a Vítor Amaro, do Ginásio de Távira.

Alfredo Albino, do Ginásio de Távira, adregou vencer a prova de juniores, tendo gasto 2h 19m 25s para cobrir os 78 quilómetros do percurso. A seguir classificou-se José Bernardino, também do Ginásio de Távira.

Na prova de Iniciados saiu vencedor, José Domingos, que fez os 78 quilómetros em 2h 22m 5s, seguido de José Simão, que fez o tempo de 2h 22m 20s — ambos do Ginásio de Távira.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o País.

A propósito de... (ÁRBITROS E ARBITRAGENS)

A CABO de ler nos jornais que a F. P. F. em sua última reunião resolveu dar seguimento a dois pedidos de processos disciplinares feitos pela Comissão Central de Árbitros em relação a dois clubes que se lhe dirigiram em termos insultuosos.

Não pretendo entrar à procura da razão e mesmo para isso lá se encontrarão os respectivos organizadores dos processos disciplinares e outras entidades que emitirão os seus pareceres.

Não esqueçamos que:

PORTO
RAINHA
SANTA

ATÉ
OS ANJOS
BEBEM!...

RODRIGUES PINEO
& C.
VILA NOVA de GATA



«Desporto sem correcção não é desporto».

«Desporto sem lealdade não é desporto».

Nós que assiduamente frequentamos campos de futebol não teríamos, por muito «calmos de temperança» sentido já a vontade de perguntar depois da partida a alguns senhores árbitros se teriam sido julgadores leais?

Quantas vezes não teríamos sentido já vontade de chamar-lhes alguns nomes feios que estamos habituados a ouvir e que reprovamos em absoluto não só porque a nossa correcção não nos permite fazê-lo como também porque, muitas vezes, tais ditos chegam a ser atentatórios da moralidade pública?

Que teria acontecido com os citados clubes endereçadores de termos insultuosos?

Mortais, como são os signatários de tais cartas, pois nem de outra maneira poderia pensar, estão sujeitos às muitas reacções do temperamento humano e dessas reacções, certamente uma teria surgido, aliás infeliz, que, esquecendo a boa linha de correcção, enveredaria pelo mau caminho dos termos insultuosos.

O espectáculo de futebol é hoje, sem dúvida, um es-

(Conclui na 4.ª página)

Executa toda a classe de envoltórios e cartanagens, em máquinas automáticas de grande tiragem diária e de absoluto registo de cores.

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

CHÂVENAS DE CAFÉ Quase Amargo

Pelo dr. CRUZ MALPIQUE
SIGNIFICADOS E A HISTÓRIA DOS DOIS COMPADRES

Vivemos aí constantemente convencidos de que conhecemos o significado de mil vocábulos que empregamos todos os dias. Mas, pelo amor de Deus, não nos perguntem (sobretudo não o façam à queima-roupa) qual o seu exacto significado, para não ficarmos perplexos!

Conhecida, a história dos dois compadres... Um deles, depois de jantar em sua casa, foi visitar o outro, e adregou de chegar precisamente na altura em que ele e a família estavam a jantar.

— Compadre sente-se, e jante. — Obrigado, acabei agora de fazer o mesmo...

— Maria; põe aqui um talher ao compadre...

— Já disse; ainda há pouco acabei de jantar.

Mas tanta insistência fizeram, que o nosso homem juntou outra vez, e juntou como pessoa crescida e pela medida grande...

E acabando de «recolher» o segundo jantar, satu-se com este comentário:

— Ó compadre; muita fome passa a gente sem saber...

Pois esta historietta nos veio à memória (só estas pobres coisas vêm à memória dum pobre homem...), a propósito de milhentas palavras que diáritamente empregamos e cujos significados julgamos saber, enquanto não aparece um atrevido a pôr à prova a nossa ciência lexicológica.

Nessa emergência, somos tentados a dizer o que Santo Agostinho dizia a respeito do tempo: «Se ninguém me pergunta, sei o que são; mas se me pedem que me explique, já não sei que deva responder».

(Santo Agostinho dizia isto em latim, de maneira mais concisa do que nós o dizemos).

NOTAS À MARGEM

Por TRISTÃO DA LUZ

Mortos obscuros

EM Relvais, freguesia de Martinlongo, faleceu há pouco mais de um mês, António Lopes, de 90 anos, que foi companheiro e ordenança de Mousinho de Albuquerque. Vão-se apagando os heróis obscuros que balizaram o caminho da nossa grandeza e do nosso futuro.

Recordemo-los com comovida admiração e reforçemos nela a nossa vontade de permanência nesta hora em que tantos apertam o cerco ao nosso invicto bastião, na ânsia de o tomar para o destruir e perverter.

Amor ao trabalho

NÃO sabemos se leram a notícia daquele ancião que aos 94 anos ainda exerce as funções de chefe da secção de cobrança da Companhia das Águas de Lisboa e que não pensa em afastar-se delas.

Quando tantos novos, enfezados e preguiçosos, só pensam em fazer o menos possível, com a agravante de ser mau o seu trabalho, conforta-nos o exemplo do venerável ancião.

Solidariedade

A SENHORA frequentava a Escola Médica e era uma aluna exemplar quando o pai faleceu e com ele as possibilidades dela concluir o seu curso por que tanto ambicionava.

Foi então que um punhado de funcionários da Carris, antigos companheiros de seu pai, acordaram em se cotizar e levar a senhora ao fim do seu curso.

Concluiu-o com 17 valores e ficará pensando, e nós com ela, que nem todos os corações que nos cercam são safaros. Louvado Deus, em alguns ainda germinam as flores do Bem!

Moralidade da história, um tanto parecida com aquela que o compadre tirou do jantar duplo:

Muito ignorantes somos nós, sem darmos por isso... O mundo está aí cheio de sábios ignorantes... que só reconhecem a sua ignorância, quando certos atrevidos se permitem a descortesia de lhes pedir que explicitem aquilo que a seus olhos parecia de clareza meridiana.

HOMEM E MÁQUINA

A máquina deve estar ao serviço do homem, e não o homem ao serviço da máquina: Machina ancilla hominis.

Não desdenhemos dos bens materiais, como para aí o apregoa certo falso ascetismo. Que a máquina aumenta cada vez mais o progresso material. Mas que esse progresso material não seja impulsionado por desejos artificiais, pelo frenesim absurdo de desejos inconfessáveis, atentatórios da dignidade humana.

Progresso material sim — que os homens não nos falem com ele (levante o braço quem for contra o dito...) — mas para ser posto ao serviço de uma vida superior, que promova o homem, de humanos a humanior.

Para se erguer acima de si próprio precisa o homem de potente utensilagem, como ponto de apoio. Mas (e cá temos outro mas...) que seja ele a pesar sobre a matéria, e não a matéria a esmagá-lo.

A técnica saturou o mundo de comodidades materiais — deu ao «corpo» um superlativo desenvolvimento, num sentido com muito de peiorativo. Temos, agora, de contrabalançar esse super-desenvolvimento com boa dose de energias morais para nos situarmos num equilíbrio que evite um iminente naufrágio. Precisamos de compensar um excesso de «corpo» com um bom suplemento de alma.

Nos primórdios da investigação científica, verificou-se uma atitude com muito de espiritual, idealista, e até de religioso. No decorrer da sua caminhada, o investigador deparou com um tesouro — e que tesouro! Ficou deslumbrado! Desentranhou-o, e continua a desentranhá-lo, do mundo de riquezas que nele se acumula, a bem dizer, de maneira inesgotável. Com esse tesouro se têm praticado abusos — que leam alguns críticos pessimistas ao ponto de dizerem que é preciso renunciar aos bens temporais, ficando apenas o espírito em campo.

Tolice quadrada. Ou cúbica. Importa ter presente que o espírito (aliás, o supremo dos valores) não se basta. Nem o espírito se basta, nem a matéria, tampouco. A chave do problema humano está em se manterem justas relações entre esses dois factores: a matéria e o espírito. Nem sibiritismo estreme, nem ascetismo puro. Nem fúria materialista, nem fazer de conta que somos puros espíritos.

Cruz Malpique

PROSSEGUINDO

(Conclusão da 1.ª página)

doença, o jornal torna à vida. Volta à vida normal, de todas as semanas, de todos os domingos.

Esperamos poder contar, como até aqui, com a amizade e consideração dos nossos prezados amigos, leitores, assinantes, anunciantes e colaboradores. Da conjugação de todos os esforços, tão necessários à vida e expansão de Notícias do Algarve, depende o progressivo caminhar deste semanário na ingrata estrada da imprensa provinciana, da pequena imprensa de que faz parte — de que, honrosamente, fazemos parte.

Crentes, confiantes, na dedicação dos nossos amigos, torná-mos, agora, ao contacto com todos. Que não nos desamparem, são os nossos melhores desejos. E só pagaremos com a nossa gratidão.

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»

VENDE-SE EM COIMBRA na Tabacaria Ilda & C.ª Ed. L. da Portagem, 55

AUMENTO DE CONSTRUÇÕES em Vila Real de Santo António

POR todo o concelho de Vila Real de Santo António, é grato verificar que aumenta de dia para dia o ritmo de construções, numa azáfama tal que bem poderíamos dizer, embora num exagerado cálculo, que em breve todas as habitações serão beneficiadas e ruas inteiras serão modificadas nas suas características de casas antigas para habitações modernas.

No extremo norte da Vila, o edifício da Escola Técnica com toda a sua vasta extensão prossegue num ritmo acelerado de construção denotando-se já o porte magestoso e funcional do edifício; à entrada da vila, igualmente com construção já adiantada, o novo edifício para o Quartel dos Bombeiros Voluntários toma forma e apresenta já as suas linhas harmoniosas e modernas; no sul da vila, no final da Rua Ministro Duarte Pacheco o vasto edifício que se tornará num dos melhores Colegios de ensino secundário do Algarve, está em vias de acabamento; mais ao sul, quase junto ao Farol, encontra-se já construído mais um edifício para o ensino

CINE-CLUBE de Vila Real de Santo António

Na sua 77.ª sessão, foi exibida a alta comédia «Paraíso Esquecido», em 17 do corrente, filme de uma humanidade comovedora, de uma mensagem de paz de um sabor inextinguível. Os associados, de maneira geral, saíram plenamente satisfeitos.

AUMENTO DE CONSUMO DE ATUM NOS ESTADOS UNIDOS

O GIGANTESCO mercado que são os Estados Unidos da América, está a ver aumentar de ano para ano o consumo de atum, tendo passado de 129.000 toneladas em 1947 para 192.000 em 1951, 272.000 em 1957 e 313.000 em 1958.

Este aumento, embora pareça incrível que uma nação que só há poucos anos se lançou no mercado internacional do consumo de atum conservado tal consiga, deve-se sobretudo ao atum japonês e à grande publicidade levada a cabo pelos industriais americanos. Segundo estatísticas recentemente elaboradas e dada a diminuição da conserva de salmão, são praticamente ilimitadas as necessidades de abastecimento de conservas de atum, especialmente de atum de carne branca, pois a conserva de albacora é das que tem mais saída.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

“BOLETIM INFORMATIVO DO GRÊMIO DA LAVOURA” DE SERPA

SAIU em Serpa uma revista dedicada exclusivamente a assuntos do campo: «Boletim Informativo do Grémio da Lavoura de Serpa».

O 1.º número desta revista apareceu em Janeiro último. O 2.º número, no início do mês decorrente.

Os assuntos versados nesta esplêndida publicação são inteiramente dedicados aos problemas do campo. Neles é claramente expressa a parte técnica, de diversa multiplicidade, mas em linguagem simples, acessível à maioria dos que, sabendo ler, empregam o melhor do seu esforço na terra.

Sob o aspecto gráfico está de harmonia com o excelente conteúdo que enche os dois números de tão boa como útil publicação.

Está de parabéns o Grémio da Lavoura de Serpa por iniciativa de tão grande alcance técnico e artístico.

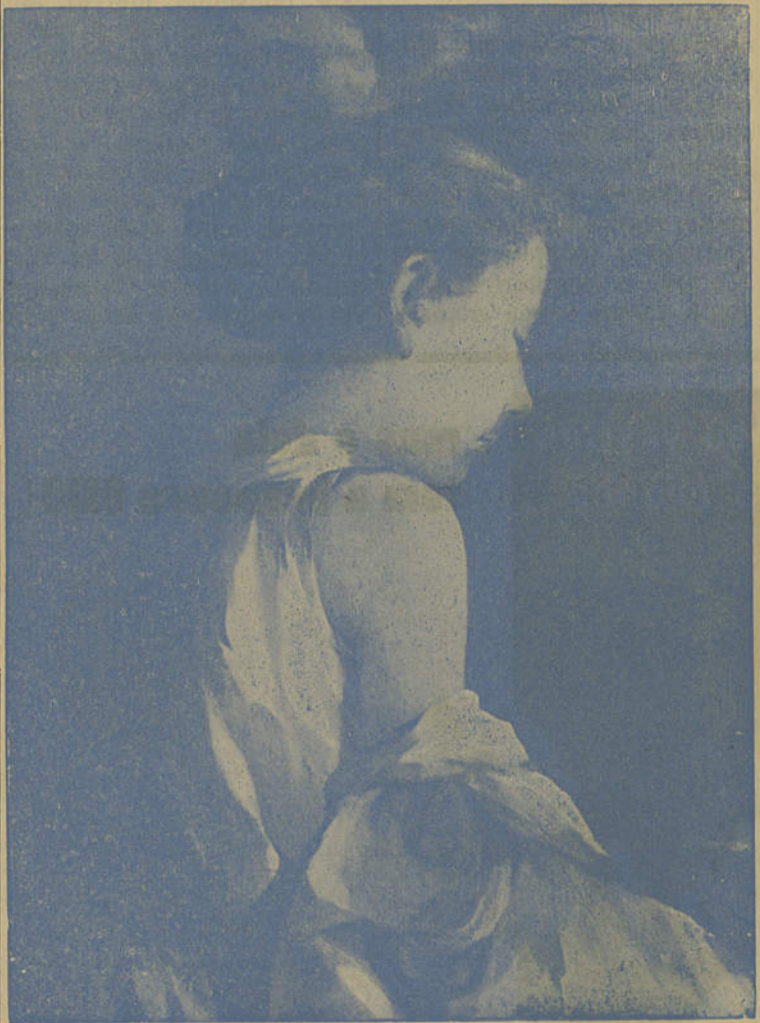
primário faltando-lhe apenas o mobiliário para iniciar as suas funções didácticas.

Por toda a Vila inúmeras construções e obras de beneficiação estão a caminhar rapidamente dando um novo aspecto à Vila pombalina, mais risonho, mais moderno.

Na vizinha estância balnear de Monte Gordo são em grande número as magníficas vivendas que se estão a construir, num ritmo sempre crescente. Verdadeiramente maravilhado, fica o turista que passados poucos anos volta a visitar Monte Gordo; pena é que os arruamentos às novas vivendas ainda não estejam concluídos.

Novos estabelecimentos comerciais estão em vias de conclusão, ficando a melhor artéria comercial desta vila muito beneficiada com estes importantes melhoramentos.

ARTISTAS ALGARVIOS



«A MENINA DO LAÇO»

Do Pintor Samora Barros

INFANTÁRIO DE FARO

Noticiou o nosso prezado colega JORNAL DO ALGARVE, pela pena de um dos seus colaboradores de Faro, a notícia de que havia sido encerrado o Infantário N. Senhora de Fátima, daquela cidade-capital da província.

A notícia, triste sob todos os aspectos, é das que não devem ficar esquecidas. Há que agitá-la, chamar para ela a atenção de quantos se dizem amigos da sua-nossa província e, em seguida, levar ao conhecimento das entidades superiores que superintendem na Assistência, o quanto tal desaparecimento veio prejudicar as numerosas crianças que desse estabelecimento assistencial tiravam um são proveito, que lhes seria benéfico pela vida fora!

Coadjuvaremos quantos se esforcem no sentido de pedir a quem de direito para que tudo seja feito no sentido de que seja reaberto o Infantário de Faro! Uma obra válida merece o carinho de quem quer que seja. E se vivemos numa época atribulada com inúmeros problemas de toda a ordem, ao menos que hipotequemos a nossa voz, a nossa vontade, no coro dos que pedem, e hão-de continuar a pedir, a reabertura dessa humaníssima casa assistencial de Faro.

Visado pela Comissão de Censura

Exuberância de Literatura E POBREZA DE IDEIAS

(Conclusão da 1.ª página)

imagens constantemente repetidas, para deduzirmos dessa conflagradora indigência de ideias. Poderíamos parafrasear aquela conhecidíssima «boutade» que nos diz que a palavra foi dada ao homem para encobrir o seu verdadeiro pensamento. É que realmente, toda essa pirotecnia de imagens e de palavras, essa exuberância na frase, ocultam a pobreza das ideias. Seríamos, no entanto, injustos encerrar este fenómeno dentro das nossas fronteiras.

Ele é comum a muitos países, é um fenómeno que há muito tempo se processa e revela uma crise profunda do pensamento do nosso mundo. A dicotomia entre o pensamento e a realidade, o isolamento do escritor em face da vida, arrastou-o inexoravelmente para uma literatura que dia-a-dia se reconhece cada vez mais distanciada da vida. O isolamento a que o escritor voluntária ou in-

voluntariamente se sujeitou, estiolou em parte a sua força creadora e atirou-o para o abismo dos monólogos íntimos, das confissões desesperadas, para a busca do «insondável», «dos recessos da alma» — nova forma de se afirmar irracionalista. O caso de Mallarmé e quase todos os simbolistas ilustra bem essa separação dramática entre a realidade do mundo e a vida do escritor. A literatura deixou assim de ser, na realidade, uma expressão da vida, para se tornar mero exercício literário, uma espécie de habilidade e artifício de pessoas que dir-se-ia viverem à margem dos problemas da nossa época. Mesmo nalguns escritores que procuraram romper os obstáculos impeditivos dum melhor conhecimento da realidade e tomarem contacto com a vida, somos obrigados a reconhecer que as suas intenções não lograram êxito pleno, que essas intenções estão longe de corresponder ao valor efectivo das suas obras. Nem esses conseguiram transpor o fosso que separa as suas vidas das vidas dos outros. Não citamos nomes, não só para evitarmos melindres; mas qualquer leitor curioso estará em condições de estabelecer a prova por si mesmo.

Ora, afigura-se-nos que uma das causas dessa plétora de literatura na nossa época deve-se talvez a uma frustração geral, cujos limites não seria difícil delimitar, e a sua explicação transcende certamente os limites do fenómeno da criação literária.

A literatura surge assim como uma fuga aos problemas do nosso tempo, embora lhe seja de todo impossível ignorá-los ou escamoteá-los. A literatura é uma espécie de compensação para as frustrações sociais do indivíduo, como pretendia Schopenhauer, não esquecendo que talvez o autor alemão visse lucidamente o problema da arte, já que ele viveu na época, precisamente, em que a crise do pensamento se esboçava numa forma iniludível e dramática.

E talvez aí resida a explicação da abundância de literatura nos nossos dias, esse zumbido de zangãos segredando não sei que sofrimentos e dores que não encontram eco nos corações dos outros, essa música de palavras sonoras, essa aparatosa fanfarras de gritos estridentes que, por certo, não anunciam o nascimento dum mundo, mas a sua decadência, o seu crepúsculo. Pode-se bem dizer que o excesso de literatura, a abundância de prosa e a carência de ideias e de verdadeiros problemas humanos comprometem gravemente a verdadeira literatura.

N. Rodrigues Pena

VARANDA SOBRE O ESPAÇO

Por ANTÓNIO DA COSTA

CHUVA

Por todo o Algarve, quer o Algarve-serra, quer o Algarve-litoral, vai uma onda de preocupação tremenda.

Desde há muitos meses que não chove na nossa província, o que traz desanimado os homens, especialmente os mais directamente ligados ao campo.

Continua o tempo seco, de sol quente, bonito. O que representa uma beleza-riqueza, num aspecto (o turístico) tem, por outro lado, a contrapôr-se, a negrura-desespero provocado pela seca.

Na parte centro-norte de Portugal, segundo sabemos, a chuva tem caído com prodigalidade. Por estas sulinas bandas, em contrapartida, clama-se por falta de chuva.

Fala-se que tudo na vida tem a sua compensação...

Poderá neste caso aplicar-se a «voz do povo»?

MINEIROS

Um acidente provocado pela deflagração de meia tonelada de dinamite, numa mina da União Sul Africana, a cento e cinquenta metros de profundidade, provocou algumas dezenas de mortos. A maioria das vítimas eram naturais da África Oriental Portuguesa, segundo os jornais diários disseram. E entre os mortos, dois portugueses continentais, de nome: Manuel de Sousa e A. da Cunha.

Eis o trágico balanço da explosão verificada numa mina da África do Sul.

Tiago Lins